

ABRE ALAS²¹

ABRE ALAS²¹

curadoria de *[curated by]* Felipe Molitor, Lena Solano e Ramon Martins

Ana Luiza Domicent

Ana V. Lopes

David Caicedo Alzate

Felipe Braga

Jean Deffense

Leticia Morgan

Lucas Emanuel

Lucas Speranza

Oriana Pérez

Sheila Kracochansky

Telma Gadelha

Thatiane Mendes

Vicente Baltar

Yara Ligiéro



Enquanto passarinhos voam por entre as árvores
Enquanto mosquitos voam por aqui e por ali picando a gente
De vez em quando, quando o vento não sopra
Enquanto lemanjá com seu vestido de espuma
Se dobra nas ondas lindas do azul do mar
Parece que a gente vive num estado de loucura plena
Aquele país manda-chuva de tantos anos pirou completamente de vez
No Brasil fundos de capitais enlouquecidamente embriagados pela corrida do ouro, carregam tragam toda uma politicagem de gente que só está lá para sugar tudo o que for possível
E nossa floresta maravilhosa, amazônica atlântica cerrádica pantaneira sendo consumida pela estupidez profunda
E os passarinhos continuam a bailar *apesar da fumaça que sobe*, como diz o poeta, *apagando as estrelas*
E os peixes nadando nesse mar profundo
Cardumes gigantescos aparecem nas praias cariocas
O mar, misterioso mar, cheio de segredos, cada dia mais plastificado
E carros queimando gasolinas, e nós nos equilibrando sobre a poesia da vida
Na encruzilhada Gentil, 14 artistas abrem alas e pedem passagem
Na grande escolha dos curadores entre tantos pretendentes a cruzar
Essa encruzilhada
As encruzilhadas da vida
As encruzilhadas da arte
As encruzilhadas do cotidiano
Empilhadas em prédios as pessoas puxam as suas descargas
Botam pra fora a matéria orgânica que sai de dentro de nós
E o calor
O calor gigante que nos faz suar e suar e nos molhar
Esse calor fogo do fogo sol que esquentava nossa casa terra

O calor do verão
O verão da rua, da alegria, do canto, da dança, do carnaval, da batucada, dos tambores, das fantasias, das cores, brilhos, ritmos
E a chuva que cai gigantesca varrendo muitas vezes casas, vidas e histórias
Lavando tudo que passa pela frente
Tristezas e alegrias que renovam a vida a cada gota d’água
E os instagrams vibrando sem parar
Falando de tudo para todos, e para poucos, e para ninguém
Molhadas bolhas Molhados Molhadas
E os presos, todas as classes de presos
E os membros do júri, os juízes e deputados e senadores
Tentando se blindar
E o grande guerreiro malabarista das sete vidas lidando
Com tudo e com todos nesse ano que adentra
Um ano importante
Um ano de muita atenção
De eleição e Copa do Mundo
O que é o futebol?
O que foi o futebol?
E o futebol arte!
Será que o futebol arte vai continuar?
Quando é que ele volta?
Será que um dia desfrutaremos do futebol arte novamente?
E a arte, onde será que ela está neste momento?
Nesse turbilhão de cores, amores, sabores, guerras, fachadas, palavras
Esse ouro derretendo a moralidade, os sentidos da vida sugando florestas
E a arte navegando
Dando cambalhotas poéticas diante desse *Pandemônio*

Como já dizia nossa grande poetisa Conceição
Concessão cessão
Poetas, serenatas, *seresteiros*
É chegada a hora...
De adentrar a encruzilhada
Ô Abre Alas que nós vamos passar!
Felicidades a todos!
Que a arte continue viva nos traduzindo, nos comunicando
E nos entrelaçando!
Viva a arte!

Em 2026, celebramos mais um gesto coletivo de abertura e festa do Abre Alas 21!

Agradecemos a participação generosa de cada artista que inscreveu seus trabalhos neste chamado, chegando em estado de invenção e brilho, e também a leitura, o cuidado e a atenção do trio de curadores Felipe Molitor, Lena Solà Nogué e Ramon Martins.

Agradecemos ainda à equipe da A Gentil Carioca, pelo empenho e entusiasmo que tornam possível a realização de mais uma edição.

Convidamos todes a chegar junto com alegria, ver, escutar, sentir e se deixar atravessar pela alegria do Abre Alas! O próximo encontro já está no horizonte!

Elsa Ravazzolo, Ernesto Neto, Laura Lima e Marcio Botner

While birds dart among the trees

While mosquitoes flit around here and there, pricking us

Every now and then, when the wind is still

When Yemanjá with her seafoam gown

Bows over the seablue ravishing waves

It seems like we live in a permanent state of frenzy

That old country, bossy for so long, has gone completely apeshit

In Brazil, capital funds, psychotically drunk on the gold rush,
guzzle, drag along the whole politics of people dedicated solely
to siphoning as much as they can

And our glorious Amazonian Atlantic savannah swampy forest is
being consumed by the deepest idiocy

And the birds keep on swaying despite the rising smoke,
as the poet says,that blots out the stars

And the fish planing through the depths

Gigantic shoals turn up on Rio's beaches

The multitudinous seas, heavy with secrets, eats everyday yet
more plastic

And the petrol-burning cars, and us balancing on the poetry of life

At the Gentil crossing, 14 artists open the ways and ask for
passage

Through the curators' picks among so many who want to cross

This crossroads

Life's crossroads

Art's crossroads

Daily life's crossroads

Piled up in buildings, people press the flusher

Expel the organic matter that we all expel

And the heat

The gigantic heat that makes us sweat and get wet

This fiery heat from the sunfire that heats up our home earth

Summerheat

Summerheat of the streets, joy, singing, dancing, carnival,

drumming, drums, costumes, colours, shinings, rhythms

And the gigantic falling rain often sweeps away houses, lives
and stories

Washing away everything in its path

Sorrows and joys are renewed with each new water drop

And the Instagrams vibrate nonstop

Speaking of everything to everybody, and the few, and the none

Wet bubbles Wet he Wet she

And the convicts, and all the classes of convicts

And the jury members, the judges and deputies and senators

Trying to shield themselves

And the great big seven lives juggler-warrior dealing

With all and everyone in this incoming year

An important year

A year demanding much attention

Of election and World Cup

What is football?

What has football been?

And artful football!

Will artful football persevere?

When will it be back?

Will we one day enjoy artful football again?

And art, where could it be right now?

In this whirlwind of colours, lovers, flavours, wars, facades,
words

This gold melting down morality, the meanings of life sucking
up forests

And art sailing on

Poetically somersaulting in front of this Pandemonium

As our great poet Conceição once said

Concession session

Poets, serenades, serenaders

The time has come...

To enter the crossroads

Hey, Open Way because we're coming through!

Happiness to all!

May art continue living and translating us, communicating us

And intertwining us!

Long live art!

In 2026 we celebrate yet another collective gesture of opening
and celebrating Abre Alas 21!

We thank each artist for the generous participation of
submitting their work to this open call, all showing up in a
state of invention and brilliance, and we are also thankful for
the analysis, care and attention of our three curators, Felipe
Molitor, Lena Solà Nogué and Ramon Martins.

We also thank the A Gentil Carioca crew for their effort and
enthusiasm, which made possible another edition of Abre Alas.

We invite everybody to come join us and to see, hear, feel and
let themselves be carried away by the joy of Abre Alas! Our next
gathering is already on the horizon!

Elsa Ravazzolo, Ernesto Neto, Laura Lima e Marcio Botner

O Abre Alas 2026 reúne trabalhos de 14 artistas que se movem na fricção entre corpo, memória, matéria e território. São trabalhos que recusam estabilizações formais e assumem a instabilidade como método, fazendo da experiência vivida, seja ela íntima, coletiva ou histórica, um campo ativo de elaboração estética.

Entre pintura, escultura, performance e linguagens híbridas, os artistas ativam imaginários tecidos na convivência do grotesco com o íntimo, do ritual com o cotidiano, do ancestral com o contemporâneo. Emergem corpos que se deformam, máscaras ambíguas, paisagens sem horizonte, peles em mutação, estruturas que sonham e vibram. Barro, têxtil, imagem, arquivo, restos urbanos: a matéria não se configura como suporte, mas como indício de como o tempo se deposita e se reorganiza.

Memória e ficção entrelaçam-se na constituição de um arquivo doméstico, de arquiteturas em arruinamento, de deslocamentos migratórios e simbólicos, de trajetórias que enfatizam a permanência no movimento. Fiel à proposta do Abre Alas, esta edição reafirma a exposição como espaço de abertura, risco e experimentação. Um lugar onde práticas em trânsito ensaiam diferentes modos de existir, narrar e imaginar o próprio fazer artístico.

Felipe Molitor, Lena Solà Nogué e Ramon Martins.

Abre Alas 2026 brings together works by 14 artists that operate in the friction between body, memory, matter and territory. These works reject formal stabilizations and reclaim instability as a method, making lived experience, whether intimate, collective or historical, an active field of aesthetic elaboration.

Moving between painting, sculpture, performance and hybrid languages, the artists activate imaginaries woven from the coexistence of the grotesque and the intimate, the ritual and the everyday, the ancestral and the contemporary. What emerges are bodies that deform, ambiguous masks, landscapes without horizon, skins in mutation, structures that dream and vibrate. Clay, textile, image, archive, or urban waste: matter isn't configured as a support, but as an indication of the way time installs and reorganizes itself.

Memory and fiction intertwine in the constitution of a domestic archive, of architectures in ruin, of migratory and symbolic displacements, of trajectories that emphasize permanence in movement. Faithful to the Abre Alas proposal, this edition reaffirms the exhibition as a space of opening, risk and experimentation. It is a place where practices in transit rehearse different ways of existing, narrating and imagining artistic practice itself.

Felipe Molitor, Lena Solà Nogué e Ramon Martins.

Ana Luiza Domicent



Stonehard, 2025 / aquarela e óleo sobre tela [watercolour and oil on canvas] / 20 x 30 cm

Lá está, a cabeça fruto da escavação. Um trabalho arqueológico.

Dentro do sarcófago ela dorme. A pedra é dura e o trabalho é delicado.

Sua pele foi riscada com o pincel, a ferramenta primordial. E a tinta?

A tinta é o véu do tempo.

There it is, the head that came out of the excavation. Archeological work.

Inside the sarcophagus, it sleeps. The stone is hard and the work is delicate.

Its skin was traced with the brush, the primordial tool. And the paint?

The paint is the veil of time.

Ana Luiza Domicent (Curitiba, Brasil 1978). Ana Luiza trabalha com desenho e pintura; suas figuras antropomórficas criam um repertório de imagens que formam uma só massa aglomerada e pulsante. É formada em moda pela Middlesex University e pinta desde 2017, quando participou do grupo *Acompanhamento de Pintura*, de Rodolpho Parigi e Regina Parra.

Em 2024, teve sua primeira individual, *Perto do Osso*, no Núcleo Aja Lisboa. Entre as coletivas, destacam-se *A Casca do Ovo*, *Pele Mineral* (Gruta, 2024), *Tiny Creatures*, *A Verdade está no Corpo* (Paço das Artes), e *Monster High* (Olhão).

Suas obras são imbuídas de uma sensação de compulsão. As figuras voluptuosas permeiam o universo do grotesco, da sexualidade e do fetiche, com um elevado conteúdo de subjetividade. Ao articular linhas, volumes, figuras antropomórficas, monstros e códigos de vestuário associados ao poder e ao consumo, a artista cria formas que se interligam para formar uma única massa pulsante.

Ana Luiza Domicent (Curitiba, 1978). Ana Luiza works with drawing and painting; her anthropomorphic figures create a repertoire of images that form a single agglomerated and pulsating mass. She holds a degree in Fashion from Middlesex University and has been painting since 2017, when she participated in the Acompanhamento de Pintura group (Painting Mentorship), led by Rodolpho Parigi e Regina Parra.

In 2024, her first solo exhibition Perto do Osso (Close to the Bone) took place at Núcleo Aja in Lisbon. Group exhibitions include A Casca do Ovo (The Eggshell), Pele Mineral (Mineral Skin) at Gruta in 2024, Tiny Creatures, A Verdade está no Corpo (The Truth is in the Body) at Paço das Artes, and Monster High (Olhão) (Big Eye).

Her works are imbued with a sense of compulsion. Voluptuous figures permeate the universe of the grotesque, of sexuality and fetish, with a high content of subjectivity. By articulating lines, volumes, anthropomorphic figures, monsters, and dress codes associated with power and consumption, the artist creates shapes that interconnect to form a single pulsating mass.

Ana V. Lopes

A série *Seis Galos* é elaborada no encontro entre lembranças e matéria, sendo esta ave uma presença viva e às vezes temida em meu cotidiano. A partir dessas memórias de infância e de experiências familiares, proponho trazer para o campo escultórico fragmentos desse ser que comunica entre mundos, evocando crista, bico e garra nos gestos que se desdobram e se recombina. O fazer cerâmico conduz esse conjunto de galos que se formam e se desfazem, enquanto aprendizado ancorado nas dimensões das encruzilhadas. Nesse trânsito entre o medo e a proteção, o galo aparece como guardião da presença ancestral que reverbera em Exu, senhor dos caminhos e da comunicação, força que move o início e sustenta o movimento.

The Six Roosters series comes from the encounter of memories and materials, with the rooster being a living – and often feared – presence in my daily life. Based on these childhood memories and family experiences, I propose to bring to the sculptural field fragments of this being that communicates between worlds, evoking crest, beak and claw in gestures that unfold and are recombined. The ceramic craft guides this set of roosters that form and dissolve, as a learning moment anchored in crossroads dimensions. In this transit between fear and protection, the rooster appears as a guardian of ancestral presence that reverberates in Exu, lord of pathways and communication, a force that ignites the start and sustains the movement.

Ana V. Lopes (Guarani M'byá, Brasil 1998). Graduada em História na UFF, sua produção é composta por escultura, escrita e pintura. Na prática artística pensa o encontro do barro - terra - corpo, adentrando no campo onírico e contando histórias por meio de memórias. Tendo interesse nos estudos de processos em queimas e aglutinações orgânicas. Esteve nas residências Terra Saúva (2023), Casa Figueira (2025), Ainda,Lab (2025) e Arte Livre, Ar Livre com Casa Europa (2025). Participou do SOLAR +10 na @sp_arte (2025).

Realizou as individuais *Fragmentos da Encantaria* (2023), na Galeria Sala Nelson Pereira e *Do que me contaram, ao que sonhei* (2025), na Galeria Centro de Artes, ambas em Niterói, RJ. A artista tem seu trabalho em coleções particulares brasileiras e internacionais.

Ana V. Lopes (Guarani M'byá, 1998). Ana's work consists of sculpture, writing and painting. She has a degree in History from UFF. In her artistic practice, she explores the encounter between clay – earth – body, entering the realm of dreams and telling stories through memories. She is interested in the study of organic firing and binding processes. She participated in residency programmes at Terra Saúva (2023), Casa Figueira (2025), Ainda,Lab (2025), and Arte Livre, Ar Livre with Casa Europa (2025). She participated in SOLAR +10 at @sp_arte (2025).

She presented her solo exhibition Fragmentos da Encantaria (Fragments of Enchantment) at the Sala Nelson Pereira Gallery in Niterói, Rio de Janeiro, in 2023, and the solo exhibition Do que me contaram, ao que sonhei (From What I Was Told, To What I Dreamt) at Centro de Artes Gallery in Niterói in 2025. The artist's work is included in private collections in Brazil and abroad.



Galo 6, da série Seis Galos [Rooster 6, from the Six Roosters series], 2025 / cerâmica, vidros e queima de aglutinação orgânica [ceramics, glass and organic agglutination firing] / 74 x 27 cm

David Caicedo Alzate

Esta instalação propõe a criação de uma zona temporariamente autônoma, onde se buscam vestígios de uma civilização que jamais existiu. O que resta são objetos industriais tomados pela selva e por formas de vida orgânica típicas das latitudes tropicais, onde a obsolescência do projeto moderno nunca foi considerada. Um pedestal de tijolos forma uma pirâmide invertida, sugerindo o templo de uma nova civilização. Um viajante do tempo entoa uma série de cânticos para imaginar a passagem da onda tropical que pode ter destruído todos os símbolos agora ausentes.

This installation proposes the creation of an autonomous temporary zone, where traces of a civilization that never existed are sought. What is left are industrial objects reclaimed by the jungle and by organic lifeforms typical of tropical latitudes, where the obsolescence of the modern project was never taken into consideration. A brick pedestal forms an inverted pyramid, suggesting the temple of a new civilization. A time traveller sings a series of chants to imagine the passage of a tropical wave that may have destroyed all the symbols that are now absent.

David Caicedo Alzate (Cali, Colômbia, 1998). Estudou no Instituto Departamental de Bellas Artes (Cali, Bogotá). Em 2022, participou da residência Comuno, em Bogotá, realizando sua primeira exposição coletiva.

Em 2023, participou em duas residências orientadas para a performance: o laboratório *Corpo, Território e Colaboração - Encontro internacional e interdisciplinar de artes vivas, memória e espaço público* da Fundação Cultural Waja e a residência *Impromptus “¿Qué puede un cuerpo?”* no Espaço Odeon. Outras residências recentes incluem: *Überbauhaus*, no edifício Copan e Clínica Geral, do Ateliê 397, ambas em São Paulo, Brasil.

Em 2025, ganhou o prêmio *Seed Awards* da Fundação Príncipe Claus e participou da Artecâmara da Feira Internacional de Arte de Bogotá (ARTBO). Atualmente é residente na Casa do Povo, em São Paulo, Brasil.

David Caicedo Alzate (Cali, Colombia, 1998). David studied at the Instituto Departamental de Bellas Artes in Cali, Bogotá. In 2022, he participated in the Comuno residency in Bogotá and took part in his first group exhibition. In 2023, he participated in two performance-oriented residencies: Corpo, Território e Colaboração – Encontro internacional e interdisciplinar de artes vivas, memória e espaço público (Body, Territory and Collaboration – an international and interdisciplinary meeting of live art, memory and public space) at the Waja Cultural Foundation, and the Impromptvs residency ¿Qué puede un cuerpo? (What Can a Body Do?) at Espaço Odeon. Other recent residencies include Überbauhaus at the Copan building, and Clínica Geral at Ateliê 397, both in São Paulo.

In 2025, he won the Prince Claus Fund Seed Award and participated in Artecâmara at the Bogotá International Art Fair (ARTBO). He is currently a resident at Casa do Povo in São Paulo.

Felipe Braga



Tributo al Ekeko [Homage to Ekeko], 2023 / 64 x 60 x 25 cm

Máscara de papel machê, couro de jacaré, búzios, conchas naturais, sementes, miçangas, penas naturais, moedas, metal, lâmpadas, plástico, conduites e tinta. Inspirado por uma viagem à Bolívia, esta máscara foi criada como homenagem ao Ekeko, o deus da abundância e da prosperidade na mitologia do altiplano andino.

A mask made of papier-mâché, alligator leather, cowrie shells, natural shells, seeds, beads, natural feathers, coins, metal, light bulbs, plastic, conduits and paint. Inspired by a trip to Bolivia, this mask was created in homage to Ekeko, god of plenty and prosperity in the mythology of the Andean highlands.

Felipe Braga (Duque de Caxias, Brasil 1986). Formado em Fotografia pela EFTI (Espanha) e em Jornalismo pela PUC-Rio, mantém relação próxima com a Colômbia, onde dirige um Grupo de Carnaval em Barranquilla. Sua obra articula um imaginário latino-americano que nasce das experiências de um corpo queer e nômade, explorando a tensão entre sagrado e profano por meio da criação de máscaras, colagens e pinturas.

Felipe Braga (Duque de Caxias, Brazil, 1986). Felipe holds degrees in Photography from EFTI (Spain) and Journalism from PUC-Rio. He maintains close ties with Colombia, where he leads a Carnival group in Barranquilla. His work engages with a Latin American imaginary shaped by the experiences of a queer and nomadic body, and explores the tension between the sacred and the profane through the creation of masks, collages and paintings.



Jean Deffense



Solácio, 2025 / técnica mista em resina, angelim [mixed media in resin, angelim wood] / 31 x 22 cm; 40 x 25 cm

A seleção de trabalhos apresentada compreende uma pesquisa focada nos tensionamentos possíveis entre matérias cujo diálogo é usualmente restrito. Ao tingir a resina com tinta a óleo e interpor camadas de papel de seda sobre a madeira, a busca do artista é por criar um estrato de onde seja possível escavar o trabalho. Nesse processo, é possível trazer à tona algo que primeiro precisou ser soterrado para então poder existir.

The selection of the presented works encompasses research focused on the possible tensions between materials whose dialogue is normally restricted. By colouring resin with oil paint and applying layers of tissue paper on wood, the artist seeks to create a stratum from which it will be possible to excavate the work. In this process, it is possible to bring to the surface something that first needed to be buried in order to exist.

Jean Deffense (Campo Grande, Brasil, 1995). Artista visual radicado em São Paulo. Desde 2021, após estudos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, desenvolve escultura e pintura, explorando as qualidades materiais e expressivas de madeira, resina e acabamentos industriais. Participou de exposições como *O Dia Mais Curto*, *MIRA Forum - Porto*, Portugal (2023), *Arte Sonora*, EAV Parque Lage, Rio de Janeiro (2024) e *Play-Date*, Manual Visual, São Paulo (2025).

Jean Deffense (Campo Grande, Brazil, 1995). Jean is a visual artist based in São Paulo. Since 2021, following studies at the Escola de Artes Visuais do Parque Lage in Rio de Janeiro, he has been developing sculpture and painting, exploring the material and expressive qualities of wood, resin and industrial finishes.

He has participated in exhibitions such as O Dia Mais Curto (The Shortest Day), MIRA Forum in Porto, Portugal (2023), Arte Sonora (Sound Art), EAV Parque Lage, Rio de Janeiro (2024), and Play-Date, Manual Visual, São Paulo (2025).

Leticia Morgan



Incidentes fronteiriços [Borderline Affairs] 2025 / foto transfer, lápis dermatográfico, giz pastel oleoso e betume sobre tela [photo transfer, grease pencil, oil pastel and bitumen on canvas] / 84 x 98 x 3 cm

O trabalho apresenta a imagem de entulhos em grandes sacos amarelos encontrados nas ruas de Lisboa, Portugal. A decisão de borrar a realidade e construir uma nova paisagem parte da reorganização da foto e se consolida quando as decisões pictóricas se revelam com os traços feitos em bastão oleoso e lápis dermatográfico.

The work presents an image of debris in large yellow bags found on the streets of Lisbon, Portugal. The decision to blur reality and build a new landscape stems from the reorganization of the photograph and is consolidated when pictorial decisions are revealed in brushstrokes of oil pastel and grease pencil.

Leticia Morgan (São Paulo, 2001). Leticia Morgan vive na cidade de São Paulo. Sua prática artística está ligada à experiência do olhar que se volta para a errância, para o que sobra, aquilo que faz uma cidade grande ser o que é, a paisagem sempre em pedaços, nunca perfeita, sempre em processo. Os trabalhos apresentados fazem parte da investigação de imagens que são capturadas na rua, soluções e formações urbanas temporárias e espontâneas, aquilo que é encarado cotidianamente na rua como lixo ou ruína: são elas que cativam seu trabalho em pintura, desenho e instalação. Em 2025, participou da Residência Corazón, na Argentina, onde realizou sua primeira exposição individual, e da Residência Hangar, em Portugal. Nos últimos anos, participou das exposições coletivas *Daqui Partimos*, no MAB-Centro FAAP (2023), e *Me avise antes que acabe* (Let Me Know Before It's Over) at Ateliê 397, ambas em São Paulo (2024). Sua obra faz parte da coleção do MAB- FAAP, em São Paulo.

Leticia Morgan (São Paulo, 2001). Leticia Morgan lives in the city of São Paulo. Her artistic practice relates to the experience of wandering, looking at what is left behind, what makes a big city what it is, the landscape that is always in pieces, never perfect, always in progress. The works she presents are part of an investigation into images captured on the street, temporary and spontaneous urban solutions and creations, what is commonly seen on the street as rubbish or ruins; these are the images that captivate her work in painting, drawing and installation. In 2025, she participated in the Corazón Residency in Argentina, where she held her first solo exhibition, and the Hangar Residency in Portugal. In recent years, she has participated in the group exhibitions Daqui Partimos (We Start From Here) at MAB-Centro FAAP (2023), and Me avise antes que acabe (Let Me Know Before It's Over) at Ateliê 397, both in São Paulo (2024). Her work is part of the MAB-FAAP collection in São Paulo.

Lucas Emanuel

Lucas Emanuel (Belo Horizonte, 1994). Sua prática artística teve início com a realização de grafites em sua cidade natal e, atualmente, se desenvolve principalmente por meio da pintura e suas possibilidades em dimensões instalativas. Em sua pesquisa, o artista se interessa pelas tensões entre imagem e sua espacialização, entre memória e ficção, além de refletir sobre questões contemporâneas da produção artística. Seu trabalho é guiado por noções como presença, transformação e ruína. Realizou exposições coletivas e individuais, entre as quais *Novas Poéticas*, Galeria Cañizares, em Salvador (2017), *6 Prêmio EDP Arte*, em São Paulo (2018/9), *Tragédia!*, na galeria Fortes D'Aloia Gabriel, em São Paulo (2022), e *It's only life under the spotlight* na Noruega (2025). Lucas tem mestrado em artes, com foco nos usos e implicações do espaço nas práticas artísticas contemporâneas.

Lucas Emanuel (Belo Horizonte, 1994). Lucas' artistic practice began with creating graffiti in his hometown of Belo Horizonte, and currently develops mainly through painting and its possibilities in installative formats. In his research, he is interested in the tensions between image and its spatialization, between memory and fiction, as well as reflecting on contemporary issues in artistic production. His work is led by notions such as presence, transformation and ruin.

He has presented his work in solo and group exhibitions, including Novas Poéticas (New Poetics) at Galeria Cañizares, in Salvador (2017), 6 Awards EDP Arte in São Paulo (2018-2019), Tragédia! (Tragedy!) at Fortes D'Aloia Gabriel gallery in São Paulo (2022), and It's Only Life Under the Spotlight in Norway (2025). Lucas has a master's degree in arts with a focus on the uses and implications of space in contemporary artistic practices.



Bolero e Bolero II, 2018 / óleo sobre tela [oil on canvas] / 50 x 40 cm cada [each]

Lucas Speranza

Lucas Speranza (Santa Catarina, 1998). Lucas Speranza é artista autodidata residente na cidade de Lages, Serra Catarinense. Cresceu transitando entre o planalto e os campos de cima da serra do Rio Grande do Sul, localidade onde sua família nasceu e mantém um pomar de frutas. A partir desses deslocamentos vai compondo diversos flashes e fragmentos de memória que se organizam por lógicas de aproximação. O sono, a vida longe das capitais, o descanso e a interação corpo paisagem figuram em seu trabalho.

Em 2025, apresentou a individual *É a Gente que se Engana Enxergando Amor Onde Não Tem*, na Fundação Cultural Badesc, em Florianópolis. Foi artista residente do acervo Paulo Gaiad em 2024. Produziu com acompanhamento de Josué Mattos financiado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, em 2024.

Lucas Speranza (Santa Catarina, 1998). Lucas Speranza is a self-taught artist residing in the city of Lages, in the mountains of Santa Catarina. He grew up moving between the plateau and the highlands of the mountains of Rio Grande do Sul, where his family is from and maintains a fruit orchard. From the experience of these displacements, he composes various flashes and fragments of memory that are organized by a logic of approximation. Sleep, life far away from the capital cities, rest and the interaction between body and landscape feature prominently in his work.

In 2025, he presented the solo exhibition É a gente que se engana enxergando amor onde não tem (It Is Us Who Are Mistaken in Seeing Love Where There Is None) at the Badesc Cultural Foundation in Florianópolis. He was a resident artist at the Paulo Gaiad Collection in 2024. He made work with the support of Josué Mattos, funded by the Elisabete Anderle Award for Cultural Promotion in 2024.

O fim do dia parece fim do mundo [The End of the Day Seems Like the End of the World], 2025 / acrílica sobre caixas de papelão, tecidos chita, paninho e rolos de barbante [acrylic on cardboard boxes, chintz fabric, cloth and rolls of twine] / 192 x 120 x 84 cm



Oriana Pérez



Traje típico, da série Manifestações culturais [Typical Clothing, from the Cultural Manifestations series], 2025 / óleo e renda sobre cadeira de madeira [oil and lace on a wooden chair] / 82 x 37 x 43.5 cm

Suas obras, ora articulam diálogo entre os Llanos venezuelanos e o Nordeste brasileiro, tomando os rios como metáfora de deslocamento e continuidade cultural; ora abordam a experiência migrante como processo de perda e ganho identitário, no qual se desfazem referências estáveis — como o lugar de origem — e se constroem novas formas de pertencimento em trânsito; ou ainda, articulam experiências individuais e coletivas marcadas pela ausência de um lar físico a partir de referências culturais que constroem um campo simbólico de circulação e permanência.

Oriana's works at times develop a dialogue between the Venezuelan Llanos and the Brazilian Northeast, using rivers as a metaphor for displacement and cultural continuity; at other times they address the migrant experience as a process of losing and gaining identity, in which stable references, such as one's origins, are unmade and new forms of belonging in transit are created; or they articulate individual and collective experiences that are marked by the absence of a physical home based on cultural references that construct a symbolic field of circulation and permanence.

Oriana Pérez (Venezuela, 2000). Artista imigrante, descendente de gerações migrantes, autodidata, pessoa não binária, residente em São Paulo. Sua prática se manifesta em pinturas e colagens que refletem não só a memória de um passado ausente, mas também como corpos em deslocamento constroem novos sentidos de pertencimento, investigando as complexidades do deslocamento forçado e narrativas que tendem ao desaparecimento na diáspora venezuelana, a segunda maior crise de deslocamento do mundo.

Oriana Pérez (Venezuela, 2000). Oriana is an immigrant artist, descendant of generations of migrants, a self-taught, non-binary person, residing in São Paulo. Their practice manifests in paintings and collages that reflect not only the memory of an absent past, but also the way displaced bodies create new senses of belonging, investigating the complexities of forced displacement and narratives that tend to disappear in the Venezuelan diaspora, the second largest displacement crisis in the world.

Sheila Kracochansky



Pele V [Skin V], 2023 / recortes e bordado em renda sobre tela [cut-outs and embroidery in lace on canvas] / 33 x 60 cm

Sheila Kracochansky (São Paulo, 1963). Formada em moda em Paris, França, em 1984. Ao longo do tempo, vem desenvolvendo um acervo de tecidos que é essencial à sua prática artística e que reúne materiais como pedras, pérolas, miçangas, plásticos, ferros, cerâmicas, madeiras e fios de cobre. Em suas obras, fragmentos, transparências e bordados se encontram criando narrativas e contextos que misturam diferentes naturezas entre a rusticidade da tela, a linha espessa e a fina renda já puida pelo tempo. Por meio de diferentes técnicas, a artista contextualiza suspensões, corpos e instalações.

Sheila Kracochansky (São Paulo, 1963). Sheila graduated in Fashion in Paris, France, in 1984. Over time, she has developed a collection of fabrics that is essential to her artistic practice and brings together materials such as stones, pearls, beads, plastic, iron, ceramics, wood, and copper wire. Using different techniques, the artist contextualizes these items in embroidery, suspensions, bodies and installations.

Telma Gadelha



Zigomático [Zygomaticus], 2025 /
óleo sobre tela [oil on canvas] / 77 x 77 cm

Pintura baseada em máscara de ossos confeccionada por Mestre Aécio de Zaira, Crato, Ceará. Mestre Aécio é um renomado escultor, músico e luthier, atualmente reconhecido como tesouro vivo da cultura do estado. Suas máscaras eram produzidas a partir de resíduos descartados.

Painting based on bone mask made by Master Aécio de Zaira, from Crato, Ceará state. Master Aécio is a renowned sculptor, musician and luthier, highly regarded as a living treasure of the local culture of the state. His masks were made from discarded waste materials.

Telma Gadelha (Salvador, 1954). Telma Gadelha nasceu na Bahia, cresceu no Ceará e vive no Rio de Janeiro. Tem formação na EAV - Parque Lage, Escola Massana (ES), Escola Sem Sítio, dentre outras.

Uma imersão no Cariri cearense deu corpo a pinturas que observam festejos populares como forma de resistência, onde convivem o caos e a ordem, o sagrado e o profano, a tradição e o contemporâneo. Nos últimos 3 anos participou de exposições, dentre elas: Galeria de Arte da UFF, Niterói, Salão dos Artistas Sem Galeria, Zipper, São Paulo, among others; and held a solo exhibition at Cave Galeria in Fortaleza. Her works are part of the Calmon-Stock collection in Rio de Janeiro and the Vilsmeier & Linhares collection in Germany.

Telma Gadelha (Salvador, 1954). Telma Gadelha was born in Bahia, grew up in Ceará, and lives in Rio de Janeiro. She studied at EAV Parque Lage, Escola Massana (Spain) and Escola Sem Sítio, among others.

An immersion in Cariri, Ceará, gave rise to paintings that depict popular celebrations as a form of resistance, in which chaos and order, the sacred and the profane, and tradition and the contemporary coexist. Over the past three years, Telma participated in exhibitions at Galeria de Arte da UFF, Niterói, Salão dos Artistas Sem Galeria, Zipper, São Paulo, among others; and held a solo exhibition at Cave Galeria in Fortaleza. Her works are part of the Calmon-Stock collection in Rio de Janeiro and the Vilsmeier & Linhares collection in Germany.

Thatiane Mendes



Cianofita. Monstros Algor. [Cyanophyta. Algor Monsters], 2023 / biopele de tapioca e algas, carvão, mica, spirulina, barbatimão, cúrcuma, titânio, tecidos e croches encapsulados [tapioca and algae bio-skin, charcoal, mica, Spirulina, Barbatimao, turmeric, titanium, encapsulated fabric and crochet] / 92 × 54 × 3 cm

Monstros Algor é uma família de peles que nascem da mistura entre o orgânico e o mineral. Criadas a partir de soluções de amidos, algas, chás medicinais e pigmentos naturais, essas matérias se transformam em superfície: respiram, secam e se endurecem como se conservasse o instante entre o líquido e o sólido.

A pesquisa explora a umidade, o calor e o tempo como forças escultóricas — processos que evocam o corpo, o território e a memória doméstica do gesto. Cada obra é uma epiderme em repouso, uma matéria viva prestes a mudar de estado, revelando o ciclo de nascimento, dissolução e permanência da matéria.

Algor Monsters is a family of skins that originate from the mixture between the organic and the mineral. They were created from solutions of starches, algae, medicinal teas and natural pigments; materials that transform into a surface: they breathe, dry and harden as if preserving the instant between liquid and solid. This research explores humidity, heat and time as sculptural forces — processes that evoke the body, territory and the domestic memory of gesture. Each work is an epidermis at rest, a living matter about to change state, revealing the cycle of birth, dissolution and permanence of matter.

Thatiane Mendes (Belém, Brasil 1981). É bacharel em Artes Visuais (UFU), mestre em Pesquisa Artística (Universidade de Barcelona) e doutora em Artes (UFMG). Professora e pesquisadora na Escola de Design da UEMG, coordena desde 2018 o Grupo Casulo — arte, ecologia e ciência.

Desenvolve esculturas, instalações e performances com materiais têxteis (crochê, fios, cordas), cerâmicos, metais, bioplásticos e gelatinas. A partir da ideia de cultivo e convivência, transforma materialidades em processos de laboratório que evocam a memória de suas ancestrais dedicadas à agricultura familiar: plantar, colher, fiar, tecer. Suas formas — monstros, casulos, corpos híbridos — emergem de misturas e acasos assistidos. Sua prática inspira-se no ecofeminismo, que valoriza saberes invisibilizados pela racionalidade científica, como o uso de ervas medicinais e os têxteis como abrigo e cuidado.

Thatiane Mendes (Belém, Brazil, 1981). Thatiane holds a bachelor's degree in Visual Arts (UFU), a master's degree in Artistic Research (Universitat de Barcelona), and a doctorate in Arts (UFMG). She is a professor and researcher at the Escola de Design da UEMG, where she has coordinated the Casulo Group on art, ecology and science since 2018.

She develops sculptures, installations and performances with textile materials (crochet, yarn, rope), ceramics, metals, bioplastics and gelatin. Based on the idea of cultivation and coexistence, she transforms materials in laboratory processes that evoke the memory of her ancestors who were dedicated to family farming: planting, harvesting, spinning and weaving. Her forms — monsters, cocoons, hybrid bodies — emerge from mixtures and chance encounters. Her practice is inspired by ecofeminism, which values knowledge that was invisibilized by scientific rationality, such as the use of medicinal herbs and textiles for shelter and care.

Vicente Baltar

As esculturas *Voo 5* e *Voo 10*, da série Sintomas Alados, apresentam-se através da junção de ofícios da olaria e da serralheria, onde a cerâmica e o ferro soldado se encontram. Vicente Baltar se debruça nas matérias do barro e do ferro no intento de figurar o lapso do movimento de um corpo em estado intenso de vida. Suas formas cerâmicas fabulam com a ideia do que pode-se afirmar corporalidade. Ao coadunar partes que remetem ao corpo, busca emanar silhuetas do escuro da terra que molda. Corpo animal, vegetal, celular, humano; em pleno estado de voo. Aqui, a ação de voar está constituída pela materialidade do ferro. O artista traça movimentos com hastes lisas de ferro que envolvam os corpos cerâmicos, articulando seu desejo por fazê-las alçar voo. Pode-se observar a matéria em repouso enquanto uma captura no espaço-tempo, como numa fotografia. O gesto e o corpo em uníssono, postos ali enquanto presença do passado e presente num mesmo instante.

Sculptures Flight 5 and Flight 10, from the Winged Symptoms series, are presented through the junction of pottery making and metalwork, where ceramics and welded iron meet. Vicente Baltar concentrates on the materials of clay and iron to depict the lapsus in the movement of a body in an intense state of living. His ceramic forms fabulate the idea of what can affirm itself as corporality. By combining parts that refer to the body, the artist aims to emanate silhouettes from the darkness of the earth he shapes. Bodies that are animal, vegetal, cellular and human: in a full state of flight. Here, the act of flying is constituted by the materiality of iron. The artist traces movements with smooth iron rods that envelop ceramic bodies, articulating his desire to make them take flight. We can see the material at rest as a capture of space-time, like in a photograph. The gesture and the body are in unison, placed there as the presence of the past and present in a single instant.



Vicente Baltar (Rio de Janeiro, 1999). Sua prática artística busca unir as linguagens técnicas da cerâmica, a soldagem do ferro e o vidro soprado e gira em torno de uma poética que gera um vocabulário imagético, dando forma a seres híbridos.

Realizou colaborações com instituições como Parque Lage, MAR, Paço Imperial, Instituto Moreira Salles, Casa Brasil, Galpão Bela Maré, entre outras.

Vicente Baltar (Rio de Janeiro, 1999). Vicente's artistic practice seeks to unite the technical languages of ceramics, iron welding and blown glass, and revolves around a poetics that generates an imagistic vocabulary, giving shape to hybrid beings.

He has collaborated with institutions such as EAV Parque Lage, Museu de Arte do Rio, Paço Imperial, Instituto Moreira Salles, Casa Brasil and Galpão Bela Maré, among others.

Voo 10, da série Sintomas Alados [Flight 10, from the Winged Symptoms series], s.d. [n.d.] / cerâmica, ferro soldado e areia [ceramic, welded iron and sand] / 35 x 80 x 40 cm escultura, 35 x 183 x 160 cm instalação [13 3/4 x 31 1/2 x 15 3/4 in sculpture, 13 3/4 x 72 x 63 in installation]

Yara Ligiéro

As obras fazem parte de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida sobre o ambiente doméstico - cultivando um olhar não somente para dentro, mas de dentro para fora. A utilização de suportes como o pano de prato busca problematizar e valorizar as tarefas domésticas. O desgaste, inerente a um pano de prato velho e usado, se torna interessante por ser uma marca sincera do tempo; ao contrário de técnicas clássicas que preservaram pinturas durante séculos, a artista pretende viver as suas pinturas.

The works are part of an ongoing research project on the domestic environment – cultivating a gaze that is not inward faced, but facing outward from within. The use of supports such as dish cloths aims to problematize and value domestic chores. The wear and tear inherent to an old and used dish cloth becomes interesting as a sincere mark of time; unlike classical techniques that preserved paintings for centuries, the artist intends to live out her paintings.

Yara Ligiéro (NY, 1993). Artista visual e arte educadora, frequentou a EAV do Parque Lage entre 2008 e 2013. Fez mestrado na Beaux-Arts de Paris em 2020. Atualmente, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Em 2025, participou de duas exposições coletivas: *Abraço Coletivo*, no Espaço Canteiro, em São Paulo, e na Lanchonete Lanchonete no Rio de Janeiro. Em 2024, teve seu trabalho como ilustração para a capa do livro *Sujeitos do Desejo*, de Judith Butler (editora Autêntica). Em 2023, fez parte da exposição *Poéticas do Sensível* no Espaço 8, em São Paulo, dentre outras.

Seu processo permeia pintura, escrita, vídeo e performance. Aborda a temática do espaço doméstico e do sujeito que o ocupa como uma maneira de valorizar o trabalho materno reconfigurando o sentido desse espaço como um local de criação.

Yara Ligiéro (New York, 1993). Yara is a visual artist and art educator. She attended EAV Parque Lage between 2008 and 2013 and completed her master's degree at Beaux-Arts in Paris in 2020. She currently lives and works in Rio de Janeiro. In 2025, she participated in two group exhibitions: Abraço Coletivo (Collective Embrace) at Espaço Canteiro in São Paulo, and at Lanchonete Lanchonete in Rio de Janeiro. In 2024, her work was featured as the cover illustration for the book Sujeitos do Desejo by Judith Butler (published by Autêntica). In 2023, she took part in the exhibition Poéticas do Sensível (Sensory Poetics) at Espaço 8 in São Paulo, among other shows.

Her process encompasses painting, writing, video and performance. She addresses the theme of domestic space and the subject that occupies it as a way of giving value to maternal work, reconfiguring the meaning of this space as a place of creation.



Pano de Prato VII - Mondial [Dish Cloth VII - Mondial], 2024 / grafite, pastel, tinta acrílica e tinta a óleo sobre pano de prato bordado [graphite, pastel, acrylic and oil on embroidered dish cloth] / 35 X 74 cm

A GENTIL CARIOCA

Sócios *[Partners]*
Ernesto Neto, Laura Lima, Marcio Botner e/and Elsa Ravazzolo Botner

Direção Executiva *[Executive Directors]*
Elsa Ravazzolo Botner e/and Marcio Botner

Diretor de Produção e Administrativo *[Administration and Production Director]*
Artur Miranda

Diretora de Vendas da Unidade de SP *[Sales Director, São Paulo Unit]*
Juliana Asmir

Diretor Financeiro *[Financial Director]*
Alberto Evaristo Bernabé

Vendas *[Sales]*
Marianna Quartieri

Artist Liaison
Andressa Rocha

Analista Financeiro e TI *[Financial Analyst and IT]*
Vinícius Amorim Tavares

Analista Financeiro *[Financial Analyst]*
Bárbara Cunha Dantas Dória
Marcella de Vasconcelos Souza

Produtora Institucional Logística *[Institutional Logistics Producer]*
Luiza Martelotte

Produtora Logística *[Logistics Producer]*
Andressa Abbagliato

Produtora *[Producer]*
Anaís Escalona

Assistente de Produção *[Assistant Producer]*
Isadora Rivera Guerra

Assistente de Produção *[Assistant Producer]*
Ian Travassos

Especialista em Catalogação e Arquivo *[Archive and Cataloguing Specialist]*
Julia Maria

Conteúdo e Comunicação *[Content and Communication]*
Roberta Fernandes

Identidade Visual *[Visual Identity]*
Liliane Kemper

Design
Daniel Rocha

Montagem e Acervo *[Installation and Collection]*
Fagner França
Victor Lorenzetto
Ivar Rocha
Michell Pereira (SP)

Assistente de Manutenção, Montagem e Acervo *[Maintenance, Installation and Collection Assistant]*
Fábio Gomes

Serviços gerais *[General Services]*
Maria José Venâncio Sales

ABRE ALAS 21
EXPOSIÇÃO *[EXHIBITION]*

Curadoria *[Curatorial Team]*
Felipe Molitor
Lena Solà Nogué
Ramon Martins

Coordenador de produção *[Production Coordinator]*
Artur Miranda

Produção *[Production]*
Thais Medeiros

CATÁLOGO *[CATALOGUE]*

Design gráfico *[Graphic Design]*
Liliane Kemper

Edição de texto e Revisão *[Editing and Proofreading]*
Thais Medeiros

Tradução *[Translation]*
Tanja Baudoin e/and Hudson Rabelo

Fotografia *[Photography]*
Pedro Agilson



Publicado pela A Gentil Carioca por ocasião da exposição Abre Alas 21, no Rio de Janeiro e em São Paulo, entre 07/02/2026 e 18/04/2026, com curadoria de Felipe Molitor, Lena Solà Nogué e Ramon Martins.

Published by A Gentil Carioca on the occasion of the exhibition Abre Alas 21, in Rio de Janeiro and São Paulo, from February 7th to April 18th 2026, curated by Felipe Molitor, Lena Solà Nogué and Ramon Martins.



